

DISFUNÇÕES PRECOSES NA LINGUAGEM: UM ESTUDO QUALITATIVO COM FAMILIARES DE CRIANÇAS DISLÉXICAS

COLLARES, Lenise Alvares³
OLIVEIRA, Yasmin Rondan de¹
FRANCO, Dionisa de Barros¹
FONTES, Tainá Araujo¹
ORTIZ, Ivone Rodrigues¹
PRADIE, Lisiane Teles¹
ROSA, Andreia Quadros²
GRIEBELER, Adriane²
TORMA, Stefania Martins Teixeira²

¹ Discentes do Curso de Psicologia, Nível I 2020/1 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

² Docentes do Curso de Psicologia, Nível I 2020/1 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS.

³ Coordenadora do Curso de Psicologia, Nível I 2020/1 - Faculdade IDEAU – Bagé/RS

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo de analisar possíveis disfunções ou deficiências na aquisição da fala, relatar sobre a influência do meio ambiente no desenvolvimento da linguagem. As alterações no processo de desenvolvimento da expressão verbal ou escrita. Desta forma ao investigar os fatores que antecedem as dificuldades de aprendizagem, relatamos a dislexia como uma dificuldade, ligada a aprendizagem, que é caracterizado, pela falha na decodificação de palavras isoladas, com maior dificuldade nas competências fonológicas.

Palavras-chave: Aprendizagem, Linguagem, Dislexia.

ABSTRACT: This work to analyze possible dysfunctions and deficiencies in speech. Report about the influence of the environment on language development. Changes in the processo of verbal developing or written expression. Investigating the factors that precedes learning difficulties, we get the conclusion that the dyslexia is a difficulty, linked to learning, characterized by the failure on the decode isolated words, having more difficulty in phonological skills.

Keywords: Learning, Language, Dyslexia.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunicação é um meio pelo qual o indivíduo recebe e expressa a linguagem, sendo um elemento essencial para a socialização e integração na comunidade. Geralmente as crianças pronunciam suas primeiras palavras, aproximadamente, por volta de um ano e as primeiras frases por volta de um ano e meio a dois anos. Um atraso na fala deve ser um sinal de alerta, algumas crianças não começam a pronunciar as primeiras palavras antes de cerca de

um ano e três meses de vida. E talvez não pronunciem frases antes de completar dois anos. (GÓMEZ & TÉRAN, 2009).

Dessa forma, alguns sinais estão presentes no ingresso da criança na escola, mais comumente na pré-escola, principalmente no que diz respeito a fala, desde dificuldades de adaptação a dificuldades na aprendizagem das letras e sons.

Sendo, portanto, o nosso objetivo desse trabalho identificar quais são os sinais de disfunções precoces de linguagem em crianças disléxicas. A justificativa para esse estudo está voltada inicialmente para os sinais precoces que se apresentam na vida escolar da criança desde muito cedo.

E propõe-se através de objetivos específicos analisar possível atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbúcio à pronúncia de palavras; detectar possível dificuldade para a criança entender o que está ouvindo; verificar dificuldades de adaptação nos primeiros anos de escola; comprovar dificuldades de aprendizagem (escrita) enfrentadas pelas crianças na escola; buscar entender os sintomas da dislexia e seus tipos; compreender a dislexia como um distúrbio de aprendizagem específico; investigar o transtorno de dislexia no contexto escolar e entender possível dificuldade em relação a falta de atenção, memória, imaturidade, timidez exagerada, alteração da fala (troca de letras), e atraso na coordenação fina e ampla.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica onde são abordados artigos e livros que tratam sobre a temática em questão. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica sobre esta temática utilizou-se como procedimento uma leitura exploratória sobre os sinais precoces da dislexia e também através do uso de questionário foram entrevistadas mães de crianças com diagnóstico de dislexia.

Nessa perspectiva o artigo foi dividido em quatro subtítulos para uma melhor compreensão do tema abordado. O primeiro subtítulo aborda o conceito de linguagem, o segundo as fases da linguagem, o terceiro a evolução da dislexia, o quarto bases biológicas da linguagem, o quinto a intervenção na criança com distúrbios de linguagem o sexto e último a relação entre as funções neuropsicológicas e a aprendizagem.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Conceito de Linguagem

“A compreensão da linguagem parece preceder a compreensão da fala pois a criança comunicar-se através de gestos, olhares e mímicas antes de poder se expressar oralmente, ela também compreende muitas palavras num estágio bem anterior á aquele que adquire para articulá-las”. (JOSÉ & COELHO 2008 p. 65)

A linguagem vai sendo constituída pouco a pouco desde o nascimento, onde a aquisição desta, exige coordenação de várias funções e aptidões e também a intervenção de diferentes órgãos. (RUSSO 2015 p. 22)

De acordo com Gómez e Terán (2009) por um lado está ligada a evolução e maturação cerebral e ocorre com base na coordenação dos órgãos bucofonatórios.

E esta aquisição não ocorre como um fato isolado, está intimamente relacionada com os progressos de desenvolvimento psicomotor e na evolução cognitiva.

E para Vygotsky (1989) a consciência e as funções superiores, também importantes nesse processo, originam-se no espaço exterior, na relação com os objetos e as pessoas, nas condições objetivas da vida social.

Para Santos (2008) o desenvolvimento da linguagem ocorre no período representativo, em torno dos dois anos, nem sempre esse desenvolvimento ocorre no tempo adequado, e muitas vezes os pais ou responsáveis não procuram o tratamento adequado, assim que percebem o atraso no desenvolvimento

A influência do meio ambiente no desenvolvimento da linguagem é indubitável, pode favorecer ou inibi-la conforme as circunstâncias. As crianças requerem um certo grau de estimulação linguística em casa para que a aprendizagem da linguagem seja possível, e é a mãe em primeira instância a quem corresponde a esse trabalho insubstituível conforme Gómez; Terán (2009). Para o autor, é a mãe quem compartilha com a criança todo o dia, atende suas necessidades, fala com ela constantemente e é quem observa todos os seus progressos. E a mãe, quem “oferece” a ela os sons, durante a amamentação, o banho, os preparativos para dormir e as carícias.

Para Vygotsky apud Russo (2015), a fórmula como a fala é utilizada na interação social com adultos e colegas mais velhos desempenham um papel importante na formação e organização do pensamento complexo e abstrato individual.

O desenvolvimento do ser humano depende do aprendizado que este realiza num determinado grupo cultural, por meio da interpretação com outros indivíduos da sua espécie, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento.

Para Schaywitz (2006), em termos de linguagem, cada criança possui seu próprio tempo de desenvolvimento, sendo diferente também a consciência fonêmica de cada um, mesmo que não se conheçam as causas exatas desse tempo, o desenvolvimento irá depender ainda do meio ambiente em que a criança vive uma vez que, quando esta criança cresce em um ambiente rico em linguagem, povoado de rimas, aliterações, a consciência fonológica é mais rápida.

Segundo Mousinho (2008), a linguagem é um fator importante para o desenvolvimento e a aprendizagem, a língua oral seria uma base linguística indispensável para que as habilidades de leitura e escrita venham a se estabelecer no desenvolvimento da leitura e da escrita.

2.1.1 As Fases da Linguagem na Infância

As crianças adquirem na infância e desenvolvem a linguagem desde pequenos, existindo aí, uma forma de comunicação, mas que não é feita pelo meio oral.

Existem diferentes tipos de linguagem: a corporal, a fala, a escuta, para se comunicar a criança utiliza a linguagem corporal (mímica e gestos) como a linguagem falada.

O desenvolvimento da linguagem se divide em dois estágios, no pré-linguístico, quando ele usa os sons de suas palavras e o linguístico, quando usa palavras.

No estágio pré-linguístico, o som mais comum que o bebê usa para se comunicar é o choro, embora possam fazer outros sons como gorgolejo, agitação, satisfação.

A partir dos primeiros meses esse repertório se amplia, com adição de alguma de sons repetitivos, que não tem nenhum caráter de intencionalidade.

Dos 6 meses em diante, há um rápido aumento de combinações, estas vocalizações são chamadas de balbúcio que constituem metade dos sons dos bebês de acordo com Matchell e Kent (1990). Citado por Hellen Bee (2011).

O balbúcio é parte importante para a preparação da linguagem falada em processo que Elizabeth Bater se refere como aprender a metade antes das palavras, Bater, Ocomell e Shore (1987).

Segundo Zorzi (1994) dos 8 aos 12 meses a inteligência de uma criança começa a compreender que pode utilizar determinados comportamento como por meio da expressão, a fim de chamar atenção para o que quer.

Conforme Goldin-Meadow (2007) parte desse processo evolutivo está a linguagem gestual que se desenvolve próximo ao final do primeiro ano; apontar é o gesto mais comum que os bebês usam.

Ainda referenciando Zorzi (1994) no primeiro ano as crianças já tem condições de estar usando as primeiras palavras, “que água”, “nenê bolo”, exemplos de desenvolvimento de linguagem, entre 16 e 24 meses, após o período inicial de aprendizagem de palavras, a maioria das crianças começam a apresentar novas palavras, como se tivessem entendido que as coisas tem nome.

Os psicólogos usam o termo mapeamento rápido para se referir uma capacidade de ligar categoricamente palavras novas e referentes do mundo real Carey e Bartlett (1978). Citado por Hellen (2011).

Por décadas, os linguistas também estiveram interessados em um outro aspecto de linguagem das crianças, forma como elas aprendem a usar a fala, ou se comunicar com os outros.

Essa fala pode consistir de frases fragmentadas, murmúrios ou intuições para si mesmo.

As primeiras trocas de linguagem eram baseadas ou na teoria da aprendizagem ou na ideia com que as crianças aprendam a linguagem por imitações. Contudo, a imitação sozinha não pode explicar toda aquisição de linguagem.

O ambiente linguístico que as crianças são expostas a menos, da linguagem em seus primeiros anos parecem não superar mais tarde no vocabulário.

Aos 4 anos existe uma diferença no vocabulário entre crianças carentes e crianças de melhor situação.

Catherine Snow (1997) verificou que as crianças criadas na carência usam frases mais curtas e menos complexas do que os de melhor situação, muitos são os fatores que contribuem para essa diferença. Citado por Hellen (2011).

A variedade da linguagem que uma criança houve muitos significativos, a quantidade e a qualidade da linguagem dos pais também podem ser importantes para ajudara criança na linguagem conforme Soderstron (2007).

Dan Slonbrin (1986), citado por Hellen Bee (2011) que pressupõe que toda criança nasce com uma capacidade básica para a linguagem.

Em particular algumas teorias afirmam que o importante não são as tendências ou os princípios operantes inatos a construção de linguagem da criança como parte do processo mais amplo do cognitivo para Akhta (2004).

Certamente os aspectos do desenvolvimento da linguagem na primeira infância serão fundamentais para o desenvolvimento da alfabetização.

2.1.2 Dislexia como patologia

Segundo Freitas Garcia (2015) a mais ou menos uma década um grupo de psicólogos manifestou publicamente preocupação em relação ao crescimento de diagnóstico de dislexia, nos últimos anos, uma sequência de pesquisa mostrou que o tema da patologização se mantém atual, e muito mais amplo e abrangente.

Conforme Freitas Garcia (2015) a constatação de diagnóstico, prognósticos e laudos, esses dinâmicos de patologização tem histórico mais amplo que o contexto em que se multiplicaram as notícias sobre dislexia.

Para Cabral (2013) investigações sobre os distúrbios denominados dislexia confirmam que sejam transtorno de origem neurobiológicas associado a outros fatores como ambientais, familiares e sociais.

Se pode afirmar, portadores de dislexia apresentam lesões neurobiológicas posto que tenham na origem em lesões neurais no sistema nervoso central, também há hipótese genética que apontam para os cromossomos 15 e 16 conforme Muszkat e Rizzut (2012). Os autores demonstrarem suas obras partes do cérebro responsáveis pela linguagem e pela atenção, a má formação de estrutura dessas áreas representa um dos fatores neurobiológicos que resultam nas patologias ou dislexia, que prejudicam a aquisição de habilidades de leitura e, consequentemente de escrita, por provocarem uma disfunção desses processos neurológicos, não conseguindo associar a imagem com o código (Letra) e fixar esses códigos, em alguns disléxicos, os outros se movimentam como se estivessem dançando ou pulando.

2.1.3 Estudos Mais Aprofundados em Dislexia

Segundo a Federação Mundial de Neurologia (1968), quando reconheceu a dislexia do desenvolvimento, a dislexia é um problema ligado a aprendizagem na leitura, por mais exercitada que fosse a função, não havia mudanças, levando assim a crer que se tinha uma dependência da perturbação cognitiva básica, que são de origem constitucional Critchley (1970 p. 11). Esta definição se deve claramente pela época, que acreditava que a dislexia era uma síndrome cuja os médicos eram responsáveis pelos diagnósticos para Snowling (1987).

Essa definição também incluía que as crianças eram falhas nas questões de aprendizagem escolar independente de suas características intelectuais Critchley (1970, p. 11).

Isso deixava claro que as dificuldades ocorrem no tratamento da leitura e escrita, que nem as formas de ensino e o intelecto da criança eram responsáveis por tal situação. Mais tarde, em 1978, depois de vários estudos feitos em crianças possivelmente disléxicas Critchley & Critchley resolveram criar uma definição mais longa e descritiva dizendo que a dislexia do desenvolvimento era um distúrbio de aprendizagem primeiramente detectada pela dificuldade na leitura, logo depois pelos erros ortográficos, dificuldade em manipular palavras escritas e oposição a pronúncia.

Essa situação seria inteiramente cognitiva e em geral genética, não dependendo de oportunidades socioculturais, deficiência intelectual, não adaptação escolar, fatores emocionais ou a qualquer outro déficit conhecido na estrutura cerebral. Seria algo mais ligado ao déficit de maturação e que com a ajuda de medicamentos adequados e com a idade mais avançada haveria uma melhora considerável, desde que o tratamento fosse o mais cedo possível Critchley & Critchley (1978, p. 149).

Lyon (1995) não satisfeito com essa definição pelo simples fato de não acreditar que o fator de dificuldade na leitura era suficiente para um diagnóstico, disse que a falta de uma definição coerente contribuía negativamente para os tratamentos e investigações que podiam ajudar no conhecimento da dislexia. Numa tentativa de chegar a uma definição mais coerente seguindo do meio de raciocínio de Lyon, um grupo de investigadores nomeadamente da Orton Dyslexia Society Research Committee em conjunto com representantes do National Center on Learning Disabilities e do National Institute of Child Health and Human Development apresentaram definições que foram impactantes nas investigações.

Em 1994 a dislexia foi definida pelo grupo como uma das muitas dificuldades específicas da aprendizagem, é um distúrbio comum na área da linguagem de origem

constitucional, caracterizada por dificuldade em decodificação de palavras isoladas, com uma maior dificuldade das competências fonológicas.

A dislexia se manifesta em graus diferenciados em relação a diferentes modos de linguagem, além da dificuldade na leitura também um problema notável na ortografia e escrita Lyon (1995, p. 9).

Em 2003, a Associação Internacional de Dislexia fez algumas modificações na definição, propondo que a dislexia é um problema de aprendizagem, porém de origem neurobiológica, é caracterizada pela falta de reconhecimento exato e fluente das palavras e por fraca aprendizagem de decodificação e ortografia. As consequências secundárias podem contribuir para problemas na compreensão leitora e da leitura que podem impedir na expansão de vocabulário e os conhecimentos de base Lyon, Shaywitz, & Shaywitz (2003, p. 2).

Segundo estudos neuro-anatômicos de (Finn, et al., 2014; Pugh, et al., 2000; Shaywitz, et al., 2002; Shaywitz & Shaywitz, 2008; Simos, et al., 2002) foi elaborado uma proposta neuronal da leitura, que foi muito aprovada, esse estudo revelou que a leitura precisa de conexão com três sistemas distintos que estão localizados no hemisfério esquerdo, essas três partes atuam juntas, porém com algumas diferenças nas consoantes das palavras a serem lidas.

Assim faz com que as palavras nunca vistas e que sejam mais difíceis tenham um aumento de ativação dessas áreas mais precisamente no sistema parieto-temporal, as palavras mais familiares ativam mais o sistema occipito-temporal que reconhece as palavras de forma visual e tem outro sistema localizado no giro frontal esquerdo que contribui pra leitura silenciosa e nomeação estando relacionada com a análise das palavras. Também foram associadas mais duas regiões a esse sistema uma ventral e outra dorsal das áreas pré motoras Shaywitz & Shaywitz (2008). Comprovando assim que crianças com dislexia tem mais dificuldade na ativação de algumas dessas áreas.

Lyon (1995) disse que as causas de dislexia eram mal funcionamento das funções fonológicas e mais tarde Lyon, Shaywitz, & Shaywitz (2003) disseram que era déficit nas áreas fonológicas da linguagem.

Como há vários sintomas de dislexia Border (1973) resolveu dar nomes mais específicos pra cada caso, como, dislexia disfonética, disidética e mista. Depois Mattis (1975) classificou como dislexia com alteração primária na linguagem, dislexia com transtorno articulatorio grafomotor e dislexia com transtorno visoperceptivo e Risueño (2005) criou mais grupos de dislexia com a ajuda de cientistas, conhecidos como: dislexia-disgrafia lingüística ou disfonética, dislexia- disgrafia visomotora ou disidética.

Segundo Maria Eugenia Ianhes e Maria Ângela Nico (2002), uma criança disléxica pode apresentar uma série de sintomas, tais como:

Dificuldade com a coordenação motora fina e grossa, dificuldade no processamento auditivo, dificuldade visuoespacial, discalculia, disgrafia, disnomia, memória de curto prazo, dispersão, entre outros. (IANHEZ; NICO, 2002, p. 26/27).

Lyon (1995) falou que era dificuldade de interpretação de palavras sozinhas, problemas em ter proficiência em leituras e em escritas. Mais tarde Lyon, Shaywitz, & Shaywitz (2003) definiram que era dificuldade no reconhecimento das palavras e a fluência, problemas na ortografia e na interpretação.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) as principais dificuldades que uma criança disléxica apresenta são: demora a fazer atividades normais para a sua idade, como por exemplo falar, brincar de pular corda, amarrar os sapatos, tem dificuldade nas atividades escolares como escrever, colocar o alfabeto em ordem, diferenciar esquerda e direita, precisa fazer anotações ou utilizar matérias para fazer contas, tem dificuldade de memorização, compreende a leitura mais lentamente, faz os cálculos usando as quatro operações mais lentamente, apresenta baixa estima por si mesma, confunde-se bastante com datas, números de telefone, problema em falar palavras longas, dificuldade de criar textos e planejar algo.

2.1.4 Bases biológicas da linguagem

Para verbalizar um pensamento, acontece o inverso. Inicialmente, é ativada uma representação interna do assunto, que é canalizada para a área de Broca, na porção inferior do lobo frontal, e convertida nos padrões de ativação neuronal necessários à produção da fala. Também estão envolvidas na linguagem áreas de controle motor e as responsáveis pela memória.

Conforme Schirmer et al. (pg. 84 2004):

A área de Wernicke, situada no lobo temporal, reconhece o padrão de sinais auditivos e interpreta-os até obter conceitos ou pensamentos, ativando um grupo distinto de neurônios para diferentes sinais. Ao mesmo tempo, são ativados neurônios na porção inferior do lobo temporal, os quais formam uma imagem do que

se ouviu, e outros no lobo parietal, que armazenam conceitos relacionados. De acordo com este modelo, a rede neuronal envolvida forma uma complexa central de processamento.

Para Casas-Fernández (2000, pg.103) o cérebro é um órgão dinâmico que se adapta constantemente a novas informações. Como resultado, as áreas envolvidas na linguagem de um adulto podem não ser as mesmas envolvidas na criança, e é possível que algumas zonas do cérebro sejam usadas apenas durante o período de desenvolvimento da linguagem.

Acredita-se que o hemisfério esquerdo seja dominante para a linguagem em cerca de 90% da população; contudo, o hemisfério direito participa do processamento, principalmente nos aspectos da pragmática.

2.1.5 A Intervenção na Criança com Distúrbio de Linguagem

A produção da fala e linguagem pode ser considerada adequada ou não de acordo com a idade cronológica. Para avaliá-la, é necessário levar em conta os aspectos cognitivos e emocionais do desenvolvimento, que poderão indicar ou não a severidade do caso, bem como a necessidade de orientação especializada à família e/ou terapia fonoaudiológica.

Becker (2002, p. 598). Sabe-se que a estimulação precoce da linguagem pode prevenir distúrbios de aprendizagem, dislexia e problemas de desenvolvimento. Pesquisas vêm demonstrando a importância dos 3 primeiros anos de vida no desenvolvimento do cérebro humano. Tedesco (1997, p.45)

Conforme Landry (2002) são princípios básicos da intervenção na criança a avaliação do desenvolvimento da linguagem em todos os seus níveis, a orientação à família e escola e a terapia propriamente dita. Esta pode ser dividida em terapia da fala (onde serão abordados objetivos como desvios fonéticos e fonológicos), terapia de voz (disfonias), terapia de motricidade oral (distúrbios de alimentação, respiração e mobilidade de órgãos fonoarticulatórios), terapia de linguagem oral (onde o enfoque pode estar centrado na expressão e/ou recepção de linguagem) e terapia de linguagem escrita (dislexias, disortografias e disgrafias).

Todas as atividades de estimulação dentro da terapia fonoaudiológica infantil devem ser realizadas de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer nas técnicas propostas.

Também é recomendável envolver a família e, quando necessário, a escola.

A estimulação através de canto, conversa, brincadeiras e leitura propicia a aquisição de habilidades que favorecem o desenvolvimento. Para que comece a ocorrer um processo de comunicação, a criança deverá se sentir motivada. Deverá existir o que se chama de intenção comunicativa (através da fala serão conseguidos objetos de interesse da criança). Este aspecto surge através do contato diário com as pessoas e da estimulação que essa interação propicia. Também devemos considerar a importância da amamentação materna, alimentação com textura e consistência adequadas nas diferentes fases e a não-existência de hábito de sucção de dedo ou chupeta além dos 2 anos. Todos esses fatores contribuem para uma musculatura orofacial adequada à produção da fala. A família tem papel fundamental na estimulação da linguagem, e cabe ao médico e/ou terapeuta envolvê-la ou permitir envolver-se pela família. (SHIRMER et al. 2004, pg.598).

2.1.6 A Relação entre as Funções Neuropsicológicas e a Aprendizagem

Para Martins&Niza (1998) a aprendizagem da linguagem escrita não surge de forma direta e imediata, mas passa pela mediação da linguagem oral, torna-se fundamental trabalhar as relações entre a linguagem oral e a escrita e os processos que permitam a passagem de uma para a outra.

Portanto, é essencial promover o mais precocemente possível, situações em que a partir da fala se elabore a escrita e em que a partir da escrita se desencadeie a fala. (Lopes, 2006 pg.77).

Na realidade, quanto melhor a criança dominar a oralidade, maior é a probabilidade de ser bem sucedido na aquisição da leitura e da escrita, pois ouvir, falar, ler e escrever não se desenvolvem sequencialmente, mas de forma interrelacionada e simultaneamente (Viana& Teixeira, 2002 pg.59).

De acordo com Pestun et al. (2002 pg. 43)

Do ponto de vista neuropsicológico, a dislexia é considerada uma disfunção do sistema nervoso central, que compromete a aquisição e o desenvolvimento das habilidades escolares, tendo como critérios de exclusão o rebaixamento intelectual, déficits sensoriais (visual, auditivo), déficits motores significativos, com condições supostamente adequadas de aprendizagem e ausência de problemas psicossociais.

Frith (1997) propõe um modelo causal da dislexia centrado no déficit no processamento fonológico (nível-cognitivo linguístico), manifestado pelo baixo desempenho em tarefas de consciência fonológica, memória fonológica e nomeação rápida.

Para Fonseca (2009, pg. 340) segmentar e ordenar sons, soletrá-los e articulá-los verbalmente de forma proficiente são aspectos dificilmente identificáveis nas crianças disléxicas.

A neurociência tem sido muito importante para o entendimento das questões cerebrais por que permite que professores tenham uma noção relativa a uma biologia cerebral, a uma anatomia e a uma fisiologia num cérebro que aprende. São necessárias bases científicas para entender cada aluno. A neurociência facilita a compreensão estrutural, funcional e patológica das práticas humanas quanto a memória, humor, atenção, sono e comportamento geral. (PEREIRA 2011, citado por ABREU, 2012).

Para que a aprendizagem humana aconteça de forma normal, deve existir um conjunto de requisitos a que Fonseca (2004) chamou de totalidade funcional neuropsicológica. É provável existir uma disfunção cerebral caso estas condições não se verifiquem. (Serra, Gonçalves & Nogueira, 2007).

De acordo com vários estudos, a parte esquerda do cérebro, encontra-se diretamente relacionada com a linguagem, e as suas diferentes áreas são responsáveis por processar fonemas, analisar e reconhecer palavras, o que permite o ser humano aprender a ler escrever. Quando uma criança aprende a ler a leitura é inicialmente processada pela rota fonológica e depois, com a aquisição de novas capacidades, passa a usar a rota léxica. O cérebro passa a dominar o processo e a leitura e por isso mesmo, passa a exigir menos esforço, isto acontece a medida que a criança vai aperfeiçoando o seu processo de leitura. No entanto, o cérebro dos disléxicos não atua desta forma. Enquanto estão a ler, fazem apenas uso da área cerebral que processa fonemas e a região que analisa as palavras mantém-se inativa, impedindo o reconhecimento e leitura hábil mesmo que diga a respeito à palavras que já tenha lido ou estudado. (POLESE, COSTA & MIECHUANSKI 2011 pg.53).

Do ponto de vista da psicolinguística, a dislexia encontra-se relacionada com o processamento da linguagem que deriva do funcionamento do cérebro. A psicolinguística aponta como causa de muitas dificuldades na leitura, um problema de nível fonológico, sendo revelado um vasto conjunto de déficit na linguagem por parte de maus leitores (LONA, 2014).

“A aprendizagem da leitura resulta do funcionamento de sistemas funcionais que integram várias áreas ou unidades do cérebro”. (SERRA, GONÇALVES & NOGUEIRA 2007).

A aprendizagem escrita encontra-se relacionada mais precisamente com a parte temporooccipital, que prolonga a parte aferente à linguagem oral. Novas investigações comprovam que a dislexia deriva de uma função cognitiva: processo de conceptualização único que leva a distorções perceptivas. Esta função cognitiva encontra-se relacionada com a formação de sinapses e o uso de neurotransmissores de forma única (LONA, 2014)

A dislexia pertence ao domínio da neuropsicologia, isto se compreendemos que tanto a leitura, como a escrita, e a fala são elementos da linguagem, e que a linguagem é uma das funções mentais superiores do cérebro (RITZEN& DEBRAY 1981 pg. 93).

2.2 Material e Métodos ou Metodologia

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa segundo Goldenberg (1997) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, entre outros. Assim, os pesquisadores que adotaram a pesquisa qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que todas as ciências tem sua especificidade. O procedimento utilizado nesta pesquisa foi bibliográfico, para demonstrar a importância de identificar os sinais de disfunções precoces de linguagem em crianças disléxicas, sendo uma pesquisa qualitativa onde será realizada uma entrevista através do uso de questionário com responsáveis de crianças que já possuem diagnóstico de dislexia. Sendo 4 meninos com idade entre 10 e 14 anos, que frequentam o ensino fundamental II de escolas públicas.

Neste estudo bibliográfico foi realizado a pesquisa em diversos meios, como livros, artigos, google acadêmico e revistas, elaborando assim uma revisão bibliográfica e uma pesquisa subsequente de campo.

2.3 Resultados e Discussão ou Análise dos Resultados

Para a presente pesquisa foi utilizado como público alvo, 4 alunos com diagnóstico de dislexia, foram entrevistadas somente as mães. A pesquisa foi realizada no período de 20 a 25 de maio de 2020. Através de questionário foram realizadas 6 perguntas semiestruturadas sobre

possíveis disfunções de linguagem durante a infância. Dos quatro participantes, 3 são de escolas municipais de um município do interior, e apenas um, é de uma escola estadual do município de Bagé. Possuem idades entre 9 e 16 anos, e frequentam do 4º ao 9º ano da rede pública.

As mães dos alunos serão nomeadas neste trabalho como mãe L (aluno do 6º ano), mãe S (aluno do 6º ano), mãe N (aluno do 4º ano) e mãe D (aluno do 9º ano).

As mães quando abordadas em relação ao ingresso do seu filho na escola, as mães L, S, e N comentaram que o ingresso dos seus filhos se deram aos 4 anos na pré-escola, a mãe D, comentou que seu filho não frequentou a pré-escola, ingressou direto no 1º ano do ensino fundamental, pois na época não era obrigatório.

Na linguagem, a mãe L comentou que seu filho teve bastante dificuldade para falar porque tinha a língua pegada, começou a falar com 3 anos e com muita dificuldade, mal se entendia o que ele falava, a mãe S e D também relatou que seu filho teve dificuldades para falar, apontava para os objetos e quando começou a falar, pronunciava as palavras erradas trocando letras. A mãe N, disse que não apresentou dificuldades, começou a falar com dois anos bem “clarinho”.

Na adaptação escolar, a mãe L e D comentaram que a criança chorava muito e não queria ficar na escola. Já a mãe S e N disseram não ter problemas com a adaptação, a professora sempre gostou dele.

Em relação as dificuldades de aprendizagem, a mãe L comentou que teve muita dificuldade para aprender a escrever o nome, quando saiu da pré-escola não sabia as letras do alfabeto, somente a primeira letra do seu nome, não identificava as cores, e poucos números sabia. A mãe S, também teve dificuldades para aprender, pois era muito desinquieto, não parava o tempo todo. Mãe N, apresentou dificuldades para aprender as letras do alfabeto, escrevia as letras viradas do nome, memorizou todo o alfabeto, porém, quando se perguntava uma letra isolada ele não sabia. Mãe D, bastante dificuldade em tudo, eu lia e explicava várias as atividades para ele, mas não adiantava, fez aula particular, mas a professora entendeu que se fazia necessário buscar um diagnóstico.

No que diz respeito, a atenção, memória, imaturidade e timidez. Mãe L, sempre teve boa memória, mas muito tímido. Mãe S, sempre percebi imaturidade, agia com um bebê e muita falta de atenção. Mãe N, muito tímido sempre quietinho. Mãe D, muito tímido quase não falava.

Nas atividades de coordenação motora fina e ampla, as respostas foram quase unânimes, somente uma mãe relatou diferente. Mãe L, D e N, relataram que seus filhos sempre tiveram dificuldade para segurar o lápis, para recortar, pintar dentro do limite do desenho e em relação ao equilíbrio tiveram dificuldades para aprender a andar de bicicleta, precisando muito de ajuda. A mãe S, disse que seu filho caminhou com 13 meses, não demonstrando dificuldades com a coordenação motora.

Legenda: Sim  Não 

	Mãe-L	Mãe-S	Mãe-N	Mãe-D
Ingresso na pré-escola				
Dificuldades na linguagem				
Adaptação escolar				
Dificuldades na aprendizagem				
Dificuldades de atenção, memória, imaturidade e timidez				
Dificuldades na coordenação motora fina e ampla				

Tabela 1: Diagnóstico de Dislexia.

Fonte: Elaborado pelos autores do presente artigo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se demonstrar através deste trabalho que os sinais precoces estão presentes desde muito cedo na vida escolar das crianças.

Entendendo que os primeiros anos de vida da criança são cruciais na formação de seus conteúdos linguísticos, o diagnóstico e a intervenção precoce dos distúrbios de fala e linguagem são de extrema importância para o adequado desenvolvimento da comunicação.

Os profissionais, como médicos e professores devem estar atento para os sinais de alerta e fatores de risco para alterações no desenvolvimento da linguagem.

A pesquisa evidenciou, através da fala dos familiares, sinais de dificuldade na linguagem desde muito pequenos, assim como dificuldades na aprendizagem, de adaptação, na coordenação motora global, e nas funções neuropsicológicas como memória, atenção, sistema fonológico e funções executivas.

Sinteticamente, pode-se dizer que os resultados da presente pesquisa confirmam que disfunções precoces de dislexia podem estar presente desde cedo, principalmente quando a criança começa sua vida escolar, e permanecendo no ensino fundamental.

Conclui-se que quanto mais cedo forem observados sinais de atraso no desenvolvimento da criança, se faz necessária uma avaliação precoce, para que as dificuldades no percurso escolar não sejam tão significativas na vida da criança.

4 REFERÊNCIAS

ABREU, S. I (2012). *Dislexia-Aprender a Aprender*. Lisboa.

AKHTAR, N. (2004). **Nativist versus constructivist goals in studying child language**. *Journal of child language*, 31, 459-462.

BATES, E., O'CONNEL, B., & SHORE, C (1987). **Language and communication in infancy**. In J. D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed, pp 149-203). New York: Wiley.

BECKER F. **Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos**. In: Silva LH, Azevedo CJ. *Paixão de Aprender*. II. Petrópolis, RJ: Vozes; 1995.

CABRAL, Gilson Maroni. **Revista eletrônica do curso de patologia das faculdades**. OPET ISSN 2175.1773-Junho de 2013. CABRAL, Gilson Maroni. **Revista eletrônica do curso de patologia das faculdades**. OPET ISSN 2175.1773-Junho de 2013.

CAREY, S., & BARTLETT, E. (1978). **Acquaring a single new word**. *Papers & reports on Child Language Development*, 15,17-29.

CARVALHO, A.O.D.C. **Indicadores Precoces Da Dislexia De Desenvolvimento**: Google Acadêmico, 2014. Disponível em: <<https://estudogeralsib.uc.pt./handle/10316/26978>>. Acesso em 23/02/2020.

CASAS-FERNÁNDEZ C. **Language y Epilepsia**. *RevNeurolclin*. 2000; 1- 103-114.

DOS SANTOS, Cláudio Guimarães. **Neurologista da universidade de São Paulo**, 10 de Janeiro de 2012. Revisado em 10 outubro de 2019.

FONSECA, V. (2009). **Dislexia, Cognição e aprendizagem: Uma abordagem neuropsicológica das Dificuldades da Leitura**. *Rev. Psicopedagogia*. 26 (81) 339-56.

FREITAS, Marcus Cézar de; JACOB, Rosângela N. **Inclusão educacional de crianças com deficiências: notas do chão da escola**. Educação e pesquisa. São Paulo, V.45, 2019.

FRITH, V. (1997). **Brain, Mind and Behaviour in Dyslexia: Biology, cognition and Intervention** (pp 1-19). Califórnia: Singular publishing Group.

GARCIA, Eduardo de Campos. **Implante coclear: Estudos concernentes a biopolítica, ao biópodes e ao biocapital**. 2015.Tese (Doutorado em educação), arte e história das artes. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

GOLDENBERG, M. **A arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOLDIN- MEADOW, S. (2007 a). **Gesture with speech and without it**. In S. DUCAN, J. Cassell, & E. Levy (Eds.), *Gesture and the dynamic dimension of language: Essays in honor of David McNeil* (pp.31-49). Amsterdam, Natherlands: Jonh Benjamins Publishing Company.

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TÉRAN, Nora Espinosa. **Dificuldades de aprendizagem**. Brasil: cultural Brasil, 2009.

LANDRY SH, SMITH KE, SWANK PR. **Environmental effects on language development in normal and risk child population**. Semin Pediatr Neurol – 2002; 9 (3): 192:200.

LONA, I.M. (2014). **A Escola e a Dislexia, uma maneira Diferente de Aprender**.

LOPES, J.A (2006). **Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância**.

MARTINS, M.A., & NIZA, I. (1998). **Psicologia da Aprendizagem e da Linguagem Escrita**. Lisboa; Universidade Aberta.

METCHELL P.R.S; KENT, R D (1990) **Phonetic Variant e Multisyllable Labbling**, *Jornal de Lliedlanguage*, 17, 247-265.

MOUSINHO, Renata. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem dificuldades que podem surgir neste percurso**. Revista psicopedagógica. 2008, VOL 25. N78, 297.ISSN0103-8486.

MUSZKAT, Mauro; MIRANDA, Mônica Carolina; RIZZUTTI, Sueli, **Transtorno e déficit de atenção e hiperatividade**, São Paulo: CORTEZ, 2011.

MUSZKAT, Mauro; RIZZUTI, Sueli, **O Professor e a dislexia**. São Paulo, CORTEZ, 2011.

PESTUN, MSN, CIASCA SM, GONÇALVES VMG. **A Importância da Equipe Interdisciplinar no Diagnóstico de Dislexia do Desenvolvimento**: relato de caso. *Arq. Neuro-Psiquiatr*. 2002; 60 (2): 328-32.

POLESE, C.L. COSTA, G.M & MIECHUANSKI, G.P. (janeiro-julho de 2011). **Dislexia: Um novo olhar**.

PRATES, Letícia P. C; MARTINS, Vanessa de O. **Revista Médica**. Departamento de Fonoudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. 2011; 21 (4 supl): S54-560.

RICHART, M.B; BOZZO, F.E.F. Detecção Dos Sintomas da Dislexia E Contribuições Pedagógicas No Aspecto Ensino Aprendizagem para Alunos Do Ciclo I Do Ensino Fundamental: Google Acadêmico, 2009.

RITZEN, P.D., DEBRAY, F. (1981). Como despitir uma dislexia num jovem estudante. Lisboa: Moraes Editores.

RUSSO, Rita Margarida Toler. Neuropsicopedagogia clínica: Introdução, conceitos, teorias e práticas. - Curitiba: Juruá, 2015.

SANTOS R. A. Aquisição da linguagem. In: Fioring J.L (ORA). Introdução a linguística I-Objetos Teóricos. Porto Alegre: Editora conectado, 2008.

SCHAYWITZ, S. Entendendo a dislexia, um novo, e completo programa para todos os níveis de problemas de cultura. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHIRMER, Carolina. R; FONTOURA, Denise R; NUNES, L. Magda. Jornal da Pediatria. -vol. 80, nº 2 (supl), 2004.

SERRA, H., GONÇALVES, D., & NOGUEIRA, I.C (junho de 2007). Cadernos de Estudo.

SNOW, C. E. (1997, April). Cross-domain Connections and Social Class Differences: Two Challenges to Nonenvironmentalist views of Language Development. Artigo apresentado no encontro anual da Society for research in Child Development, Washington, DC.

TEDESCO, MRM. Diagnóstico e Terapia dos Distúrbios de Aprendizagem da Leitura e da Escrita. In. Otalilio LP. Tratado de Fonoaudiologia, São Paulo: Roca; 1997.

VIGOTSKY, Lev. S. (1989) Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

ZORZI Jaime.L. Linguagem e desenvolvimento cognitivo, a evolução do simbolismo da criança. Penest 1994, HELEN BEE- Criança em desenvolvimento 12 edição (livro).